

Fórum Presbiteriano do CCA/PFLO e SAP/SIC – 02/04/2022

Organização: rev. Ariovaldo Corrêa

Transcrição do áudio: rev. Jonathan Hack

Os desafios da igreja na pós-pandemia

Palestrante: rev. Timóteo Carriker

[Oração, saudação e apresentação]

A oração inicial me levou a reconhecer que uma grande preocupação dos pastores realmente é recuperar rebanhos desaparecidos ou meio afastados. Eu apresento outra tônica desde o início do meu ministério: um foco bem missionário, missional, missiológico. Acredito que o que eu quero compartilhar com vocês terá algo a ver com isso, sem dar muita ajuda, contudo, a respeito de como resgatar aqueles que não estão participando hoje. A essência do que vou compartilhar será apresentada em 15 a 20 segundos; o resto é elaboração do argumento. A tese é tão simples que fico até um pouco envergonhado, visto já ter dado tantas matérias na área missiológica com questões complicadas, mas às vezes a questão não é tão complicada; de fato, é bem simples.

Eis a tese: **NA EXPRESSÃO DO AMOR CONCRETO, A IGREJA TEM SEU MAIOR TESTEMUNHO**. Assim, acredito, ela também apresenta a maior atração para a sociedade. É basicamente isso.

Essa tese, por mais simples que pareça, se baseia numa preocupação que tive cerca de 10 anos atrás, quando houve no Brasil certa mudança de marcha. Durante 20 a 30 anos, muitas igrejas estavam falando, graças a Deus, de sua incumbência missionária; houve grande resgate desse tema. A IPB se tornou líder entre denominações e agentes não denominacionais, em termos de seu afinco e envolvimento missionário. Então, isso cresceu bastante naquela época. Há 10 anos, houve uma mudança de marcha: de missionário para missional. Começam a surgir livros, bons livros inclusive: o Tim Keller está lá no topo da lista. Mas temos gente aqui no Brasil, como o Sérgio Queiroz lá no Nordeste e outros que estão escrevendo sobre o assunto; e, biblicamente, temos o Michael Goheen – já temos dois livros dele, excelentes, que nos dão orientação bíblica.

Todavia, uma coisa me deixou bastante inquieto: como é que reconhecemos uma igreja missional? Como reconhecemos uma igreja que lida com os desafios que passamos, inclusive com as catástrofes mundiais, como essa pandemia, e se há exemplos no NT disso. Comecei uma busca que levou alguns anos e, finalmente, em 2018 – interessante porque foi um ano antes do COVID-19 – eu publiquei o livro *O que é a igreja missional* (editora Ultimato). Um capítulo muito importante nesse livro descreve como a igreja primitiva lidou com duas pandemias globais naquela época e como a sua reação gerou – de certo modo, não que isso tenha sido o propósito de suas ações – uma multiplicação, um crescimento muito grande em termos numéricos proporcionais na população. A igreja cresceu de uma fração de 1% no final do primeiro século para 50% da população do Império Romano até o ano 350.

Então, eu queria contar um pouquinho mais dessa história, porque é a reação da igreja primitiva durante 300 anos a um contexto específico de pandemia. Primeiramente preciso comentar que os dados mais técnicos vêm de um livro do Rodney Stark, um sociólogo norte-americano muito conhecido e respeitado, publicado no Brasil como *O crescimento do cristianismo* (editora Paulinas). Ele fornece estes dados e apresenta toda informação técnica e teórica sobre como ele chegou a esses dados e sobre como esses dados são conferidos por meio dos relatórios históricos que ele cita.

Nesse capítulo do meu livro mencionado, busquei valores intrínsecos que as igrejas neotestamentárias missionais têm em comum. Examinei as igrejas de Tessalônica, Galácia, Roma, Jerusa-

lém, Antioquia e Éfeso. Reparei que elas têm traços em comum. Dois valores se destacaram: o amor concreto e a graça contínua. Embora pareça mais usual que um teólogo reformado saliente o valor da graça, essa graça que descrevo não é a associada à salvação, do jeito como normalmente pensamos, mas sim a graça necessária para continuarmos diariamente nossa vida e crescermos na fé. São estes os dois princípios. Falamos muito sobre a graça de Deus para a salvação; porém, depois, as pessoas nas nossas igrejas olham para o jeito como nos comportamos e pensam que somos salvos pela graça, mas que vivemos pela lei.

Outra coincidência – embora não acreditemos nessas coisas – foi que, naquele mesmo ano, 2018, eu li um livro do maior epidemiologista do mundo, o Anthony J. McMichael, que apresentarei pra vocês. Basicamente, ele é o epidemiologista mais respeitado na ONU naquele painel intergovernamental para mudanças climáticas com mais de 300 cientistas do mundo inteiro; ele é reconhecido como “a autoridade” nesse assunto. Independentemente do COVID-19, ele mostra como as epidemias são muito vinculadas às mudanças climáticas, especialmente as de temperatura. Eu achei isso fascinante! Seis meses depois surgiu o COVID-19.

Vamos dar uma olhada rapidamente nesses primeiros 300 anos do cristianismo. Na tabela a seguir, vemos a porcentagem da população cristã de acordo com os cálculos do Stark.

Tabela 1:
O crescimento cristão projetado para 40% por década

Ano	No. de cristãos	% da população
40	1.000	0,0017
50	1.400	0,0023
100	7.530	0,126
150	40.496	0,07
200	217.795	0,36
250	1.171.356	1,9
300	6.299.832	10,5
350	33.882.008	56,5

Ele começa com um número extremamente conservador, muito mais conservador do que o que é registrado nas próprias Escrituras. No ano 40 ele coloca 1.000 cristãos, enquanto o livro de Atos registra diversos milhares. Mesmo com um início conservador, até o ano 350 os cristãos já passam de 50% da população. Isso acaba mudando, na avaliação dele, a maneira como escrevemos a história da igreja. Geralmente entendemos, na história da igreja, que Constantino reconheceu a igreja como religião oficial do Império e tudo se descambou depois disso. Entretanto, de acordo com a teoria do Stark, o que aconteceu é que Constantino era um político similar aos atuais, mesmo sendo imperador. Ele precisava do apoio de grandes proporções da população; ele simplesmente reconheceu o cristianismo como oficial só pela influência numérica.

Leiamos Romanos 13.1-7:

Obedeçam às autoridades, todos vocês. Pois nenhuma autoridade existe sem a permissão de Deus, e as que existem foram colocadas nos seus lugares por ele. Assim quem se revolta contra as autoridades está se revoltando contra o que Deus ordenou, e os que agem desse modo serão condenados. Somente os que **fazem o mal** devem ter medo dos governantes, e não os que **fazem o bem**. Se você não quiser ter medo das autoridades, então **faça o que é bom**, e elas o elogiarão. Porque as autoridades estão a serviço de Deus para o **bem de você**. Mas, se você **faz o mal**, então tenha medo, pois as autoridades, de fato, têm poder para castigar. Elas estão a serviço de Deus e trazem o castigo dele sobre os que **fazem o mal**. É por isso que você deve obedecer às autoridades; não somente por causa do castigo de Deus, mas também porque a sua consciência manda que você faça isso. É por isso também que vocês pagam impostos. Pois, quando as autoridades cumprem os seus deveres, elas estão a

serviço de Deus. Portanto, paguem ao governo o que é devido. Paguem todos os seus impostos e respeitem e honrem todas as autoridades.

Aqui há uma expressão muito curiosa que eu destaquei: **fazer o bem**. Quem faz o bem é um “leitourgós”, que traduzimos como “ministro”; contudo, literalmente essa palavra significa benfeitor. Aliás, essa palavra “benfeitor” – aquele que faz o bem – é uma herança direta desse conceito romano, que passou de Roma para a Península Ibérica e depois para a América Latina, tanto nas culturas hispânicas quanto nas portuguesas. No SPS em Campinas há uma placa no salão nobre, que é dedicado aos benfeitores, o casal Lane, que doou aquelas terras. Esse conceito ainda está presente na nossa cultura. O benfeitor na cultura romana é uma pessoa mais rica; ainda existe isso na cultura hispânica e portuguesa; no nosso caso, era o “coronel”. No Brasil colonial, o “coronel” era aquele a quem o povão recorria quando precisava de alguma construção ou algum bem comunitário. Assim também funcionava na cultura hispânica e em Roma. O que Paulo fez? Ele pegou esse conceito e o democratizou e radicalizou. Ele diz que quem deve fazer o bem é toda a igreja, não apenas as pessoas de posse. A igreja toda tem essa obrigação. O que eu acho muito curioso nessa observação é que Paulo, um ex-“fariseu de fariseus”, não partiu de diversas passagens riquíssimas que falam sobre a justiça no AT. Ele poderia ter falado a mesma coisa usando a linguagem bíblica veterotestamentária; ao invés disso, ele recorreu a um conceito popular conhecido na cultura romana. Basicamente, ele cristianizou esse conceito ao democratizá-lo. No capítulo 12 de Romanos também encontramos a expressão “fazer o bem” escrita de várias maneiras (v. 17,18,21,14).

Resumindo: a ética pública da igreja **toda**, não apenas de alguns poucos mais privilegiados, se resume na expressão popular de **“fazer o bem”**, radicalizada e democratizada, prática altruísta e sacrificial incomum na cultura de então e fruto da crença em um Deus único que deu a sua vida em prol dos outros... e está no cerne da expansão missionária da igreja.

O termo neotestamentário que mais se aproxima disso é “allēllōn”, que significa “uns aos outros”. Amem uns aos outros como o Senhor Jesus os amou e deu sua vida por vocês. Deem um santo beijo uns aos outros. Hospedem uns aos outros. Essa expressão – usamos três palavras para traduzir uma só no grego – resume bem a ética da igreja primitiva, que nada mais é do que fazer o bem uns aos outros, é essa solidariedade. Isso é tão comum para nós que não reconhecemos a radicalidade dessa ideia para os romanos. A ideia de um deus que morre era um absurdo. Um deus que dá sua vida em prol dos outros não cabe na cabeça de um pagão. Muito menos um deus que espera que seus seguidores façam o mesmo. Foi exatamente isso que a igreja entendeu e grandemente praticou.

Nessa época do cristianismo que estamos examinando, tivemos duas epidemias: uma de varíola (165–180 d.C.) e outra de rubéola (251 d.C.) – pensa-se que foi rubéola, mas não há certeza disso. No século IV, na época de Justiniano, também houve outra pandemia, mas o Stark só estudou essas duas. Cada uma dessas epidemias dizimou entre 15 e 30% da população. Fiz o cálculo outro dia e o COVID-19 dizimou menos da metade de 1% da população até hoje. Então imagine uma pandemia que dizimasse 15 a 30%. Os médicos dessa época eram mais filósofos – a primeira vez que alguém abriu um corpo humano foi no período medieval; com sua cosmovisão pagã, a reação deles à epidemia foi fugir para as montanhas. Sobraram os cristãos para aplicar os primeiros socorros de enfermagem que, dizem os médicos, abrangem 80% dos males: tirar o suor da testa, hidratar as pessoas dando água, pôr cobertor, tirar cobertor, manter a pessoa limpa e assim por diante. Então, assim eles foram ganhando a simpatia da população.

O Stark resume esse livro com três teses:

“1) as epidemias sabotaram as capacidades confortantes e explicações do paganismo e das filosofias helênicas que não viam propósito em desastres naturais.” Cabe uma pausa aqui: será que nossa cosmovisão é mais pagã ou mais cristã? Nós vemos propósito nos desastres naturais?

“2) Quando uma epidemia destrói uma grande proporção da população, ela interrompe as redes interpessoais que antes ligavam as pessoas à ordem moral convencional.” Ou seja, à sua religião. A maior barreira à conversão das pessoas são seus vínculos sociais e esses são interrompidos

pela própria pandemia.

“3) Os valores cristãos de amor e caridade, desde o início, foram traduzidos em serviço social e solidariedade comunitária.”

Essas são as três teses do Rodney Stark. Foi isso que gerou como resultado o crescimento cada vez maior da igreja. Isso já é outro assunto que não podemos abordar agora. O que é mais importante para mim? Faz 20 anos que não dou mais a matéria de “Estratégias e metodologias missionais”, porque certamente têm estratégias e metodologias muito boas, e algumas que são piores. No entanto, o que mais importa é a manifestação concreta do amor por parte da comunidade da fé. Assim, de modo bem concreto. E não tem maneira mais impactante para isso acontecer do que no meio de um desastre, seja qual for. Acho que, de repente, é importante que a igreja, em seu orçamento, guarde uma porção para desastres. Porque na hora que ele ocorre – e todo ano tem algum desastre na sua região –, se a igreja puder reagir e demonstrar que somos de fato embaixadores do Deus do amor, da misericórdia e da justiça, teremos um impacto muito maior.

Resumindo, durante seus primeiros 300 anos a igreja viveu uma vida altruísta e humilde de “uns aos outros” **não apenas dentro da igreja** entre os seguidores de Jesus, **mas também** corajosa e liberalmente **fora da igreja**; assim teve, pouco a pouco, ao longo do anos, **grande impacto na sociedade** onde vivia.

Então, é uma questão de como nós somos vistos pela sociedade. Tem a ver com o nosso pastoral. Vejo isso como círculos concêntricos. Precisamos cuidar de nós mesmos, da nossa família, do nosso rebanho, das nossas comunidades e da própria criação: todas essas são incumbências nossas.

Para encerrar, cito o livro *Climate change and the health of nations: famine, fevers, and the fate of populations* [Mudanças climáticas e a saúde das nações: fomes, febres e o destino das populações], do epidemiologista Anthony J. McMichael. Ele é o perito nesse assunto e faz esse vínculo das pandemias com as mudanças climáticas. Isso é praticamente outro assunto e é controvertido, não na área científica, e isso pode surpreender alguns, porque pensam que os cientistas são todos divididos. A revista *Nature* [Natureza], na edição de novembro de 2002, trouxe três pesquisas independentes entrevistando cientistas das áreas climáticas: climatologistas, meteorologistas, biólogos, oceanógrafos, pessoas nas áreas afins. A média das três pesquisas deu 97% de consenso; isso é extraordinário. O consenso é massivo. Por exemplo, o aplicativo Waze tem uma precisão de 60 a 70% e já é muito preciso. A taxa aqui é altíssima: 97% dos cientistas batem o martelo dizendo que existem fatores humanos (o jeito que vivemos nossa vida na indústria) que são marcantes na mudança do clima, o que por sua vez influencia a intensidade e o número das epidemias e pandemias que passam pelo planeta. É bom sabermos disso. Outro livro, *A terra inabitável: uma história do futuro*, foi publicado pouco antes da pandemia por David Wallace-Wells, repórter da revista *New York Times*. Ele trata desses assuntos citando só os relatórios científicos: do Banco Mundial, da ONU. É isso gente.

Perguntas

P1. [Ronildo Miguel Soares:] Primeiro, concordo com você sem dúvida de que a prática do bem e a manifestação prática do amor precisam fazer parte da vida da igreja. Esta é a resposta mais concreta, porque o mundo está cansado do blá, blá, blá. As pessoas querem ver o amor na prática; Tiago, Paulo e João falam sobre isso (“não amemos só de palavra...”). Então, primeiro, quero concordar de coração. Mas quero fazer uma pergunta: nessa sua pesquisa, nesse seu livro, alguém associou como isso de fato se relaciona com a pregação? Porque sabemos que, quanto a fazer o bem, o ímpio também pode fazer atos de bondade, talvez não com a mesma motivação, com o amor divino. Se uma pessoa recebe atos de bondade, mas não tem a oportunidade de ouvir o evangelho, vai pro inferno do mesmo jeito. Então onde estava a pregação do evangelho nisso?

R1. [Timóteo:] No livro **A igreja missional**, essa foi a primeira pesquisa. Não há outra pesquisa que tenha me ajudado a fazer esse levantamento específico de examinar cinco ou seis igrejas; poderia ter examinado mais. Uma das coisas que sempre falo para colegas, alunos, parceiros, é que

outras pessoas precisam desenvolver este estudo; ele precisa ser testado e aprofundado, precisa incluir outras igrejas, como as do Apocalipse, embora tenhamos ali poucos dados; precisa de mais exemplos negativos (usei ali as igrejas da Galácia). Apenas reparei as características mais comuns, que são repetidas; algumas não são nem um pouco surpreendentes. Em todos os casos as igrejas dedicavam muito tempo à oração. Todos nós acreditamos nisso, mesmo que não pratiquemos na igreja. Sabemos da importância da oração. Outras características me surpreenderam; eu não as esperava. Todas as igrejas tinham uma diversidade na liderança. Depois de fazer a pesquisa comecei a entender o porquê. Se o nosso alvo está lá em Apocalipse 22, de sermos um povo de Deus de todas as raças, nações e famílias, onde há justiça, onde não há mais choro, etc., isso precisa começar a ser demonstrado nas nossas próprias comunidades locais, a começar conosco, os líderes. Então, isso é uma surpresa.

Eu confesso que a pregação não se destacou, mas não necessariamente por não ter destaque em si mesma. De novo, sempre fico preocupado com os olhos do pesquisador, porque nossa tendência é descobrir o que estamos procurando. Alguém que dá muita importância à pregação da Palavra provavelmente vai achar isso. Só uma observação: o Rodney Stark começou sua carreira nos anos 1980 e 1990 pesquisando como pessoas de novos movimentos religiosos entram e saem desses movimentos. Ele consegue demonstrar que a questão cognitiva tem um papel mínimo, tanto no ingresso quanto na saída dos grupos. As questões cognitivas têm um papel bem pequeno; os fatores sociais e emotivos têm muito mais importância. Isso não significa que não há lugar para o cognitivo; obviamente há no crescimento, na informação, e assim por diante, mas não é um fator significativo no ingresso ou na saída. As pessoas entram porque percebem e sentem – nós nos aborrecemos com isso, porque gastamos a vida inteira estudando, estudando, e queremos passar isso adiante, mas não é isso que pega a maioria das pessoas. Para se afiliar, se aderir a nós, importa quando ajudamos aquela mulher idosa a atravessar a rua no meio do trânsito; isso sim marca a pessoa, daí ela quer saber mais. Eu imagino que há um papel muito importante da cognição, mas que o seu papel principal não é no ingresso ou na saída, na conversão ou desconversão. Há muitos estudos a respeito disso; eu mesmo já publiquei no Brasil sobre mecanismos sociais de conversão e desconversão.

P2. [Carlos Rosa:] Como estou envolvido num estudo de planejamento para o PFLO, fiquei muito feliz e surpreso com sua tese simplista, porém extremamente bem fundamentada. No monitoramento de casos de igrejas agora pós-pandemia, eu estudei uma igreja que não é da nossa denominação, uma igreja batista, que fez exatamente o que você colocou de forma muito clara: ela exponenciou o amor e deu uma ajuda à comunidade. Ela tem uma alocação no seu orçamento de 5% destinada a contingências. Então a igreja anualmente já se prepara para isso. E nesse período de contingência, ela chegou ao ponto de bancar pessoas que não são da igreja, dando-lhes contribuição financeira, e no final da pandemia a igreja tinha crescido 35%. Enquanto muitas igrejas estão com dificuldades com membros enclausurados e há igrejas que estão esvaziadas, nessa igreja ocorreu o contrário. Eu estava tentando buscar uma explicação. Sou muito grato pela sua bem fundamentada explicação, muito boa. Que ela, de fato, sirva de aprendizado para todos nós! De fato existe uma realidade passada que se repete. Não conseguimos fazer essa conexão entre a teologia e a ciência. Encontramos agora um fundamento muito bem exposto. Muito obrigado.

R2. [Timóteo:] Todos nós recebemos salário no final do mês. Isso vem da nossa igreja local, que nos cobra; somos empregados da nossa igreja local. Contudo, nosso ministério pastoral abrange a igreja local e também a comunidade, de quem não recebemos nada. Essa é a incumbência de Deus. Precisamos ter essa mentalidade de que nosso ministério pastoral e nossa obrigação abrangem mais do que apenas a igreja. É muito chato falar isso, porque a igreja já dá bastante trabalho. Já não aguentamos as tarefas da igreja local. Precisamos educar nosso povo nessa direção.

P3. [David Nunes Pereira:] Você colocou dois quadros muito significativos na sua fala. Um deles foi o da estatística do crescimento da igreja a partir do ano 40 até 350, com uma porcentagem de acréscimo de maneira exponencial. O outro quadro que você colocou – para mim foi muito interessante – foi a respeito do dado histórico das duas pandemias que aconteceram no ano 165 de varíola e provavelmente de rubéola em 215 d.C. Fazendo uma comparação desses dois quadros, por que não

houve um decréscimo nesse período de pandemia no crescimento da igreja primitiva, visto que até 350 eles não tinham templos para se reunirem?

R3. [Timóteo:] Pensei que você perguntaria por que não houve decréscimo, visto que os cristãos estavam morrendo junto com a população. É que a pandemia é uma faca de dois gumes; ela atinge todo mundo. Percebemos isso no COVID-19. Naquela época, não havia vacina; a vacina era a própria doença. Os cristãos que sobreviveram se tornaram uma raça mais forte; essa é uma hipótese minha. Estou assumindo a mesma postura do Rodney Stark. Nós podemos apresentar justificativas bíblicas que são verdadeiras; entretanto, como sociólogos, só pensamos nas coisas materiais e sociais. Então, do ponto de vista material, cria-se uma raça mais forte. Agora o que compensa a perda dos crentes é o seguinte: imagine aquela pessoa que você está cuidando e que já perdeu algumas pessoas de influência na família dela; ela está no leito do seu quarto e você pode ou não estar pregando para ela; porém, é o fato de você cuidar dela que gera um vínculo social. Ela faz parte da sua família agora. Isso já é um grande passo na direção da conversão dela. A conversão parte dessa aproximação também. Pessoalmente acho que os templos não geram fator algum, porque eles só começam a surgir no final desse período, após o edito de Constantino em 312. Então, basicamente, o período dessas pandemias antecede isso, os templos não têm nenhuma influência. A questão é que as pessoas são recebidas nas casas. Talvez isso seja um fator: o fato de que o atendimento não foi institucional, foi caseiro, foi mais íntimo ainda. São só pensamentos em voz alta; todos esses são fatores a examinar. O que eu gostei do Stark é que ele vai teorizando. Aquele crescimento na primeira tabela é uma porcentagem constante, ou seja, há um ritmo constante; ele cita os pais da igreja e alguns outros dados de historiadores seculares para checar se sua teoria bate com os relatórios históricos. E isso de fato acontece.

P4. [Gilberto Santos:] É interessante que chegamos aqui no Uruguai e justamente nesta semana houve um minitornado que quase destruiu uma parte da cidade de Mercedes. Sua palavra nesta tarde abre um leque para nós pensarmos como Deus está agindo através desses desastres naturais. Eu não tinha ainda pensado nessa questão de ver um propósito nos desastres naturais. Talvez nosso pensamento não cheque isso. Você pode explorar um pouco mais essa questão?

R4. [Timóteo:] Não tenho muito mais a dizer a respeito disso além do que nós, os presbiterianos, já enfatizamos: é a soberania de Deus. Se Deus é soberano, ele tem sua mão em tudo. A tendência cristã mais popular, posso estar equivocado, é a de ver os desastres e entendê-los como mais uma das consequências do pecado. Entrou o mal no mundo e essa é mais uma de suas manifestações. Ela pode até ocorrer, mas até na manifestação do mal – pense em Jó – a soberania de Deus ainda está por trás. Por isso estas manifestações são sempre oportunidades.

P5. [Irani Antunes:] Sua tese é de que na expressão do amor concreto se baseia o evangelismo por parte da igreja. O que é exatamente esse amor? Entendi que, no que se refere à palavra propriamente dita, é muito pouco o índice de “aproveitamento” na conversão das pessoas; o que efetivamente age é a ação amorosa, que vai impactar a pessoa. Na minha igreja comecei um projeto de assistência social com quatro pontos (palavra, alimento, vestuário, moradia); poderia ter mais pontos, mas esses quatro são suficientes. A palavra é dita a tempo e fora de tempo; é Deus quem faz. Os demais itens são coisas que não necessariamente geram uma conversão; por exemplo, tenho pessoas que eu escolhi para levar cestas básicas, não são muitas, são poucas, e eu faço isso regularmente, mas eu não penso que elas possam efetivamente ir para minha igreja. Contudo, faço isso porque sei que elas precisam de alimento; não é muito, mas é bastante para o pouco que elas têm. Se a igreja toda tivesse essa visão... infelizmente as igrejas têm pouca visão nessa área de dar e levar apoio. Fala-se que a pandemia tirou o emprego de muitas pessoas, então vou contribuir sem desejar que ela se converta, mas eu oro por elas efetivamente. [...] Então, gostaria que você falasse de modo mais abrangente sobre o amor concreto.

R5. [Timóteo:] Essa questão da palavra ainda está atravessada para alguns. Seria mais correto dizer que a expressão do amor concreto não é melhor do que o evangelismo, mas sim é a maior expressão do evangelho. Afinal, evangelizar é expressar o evangelho, que são boas-novas a respeito

do que Deus fez no mundo especificamente em Cristo Jesus. Que Deus é esse? Como ele é descrito nas Escrituras? Como um Deus de amor, justiça, misericórdia, um Deus que julga também, essas são características que precisam ser demonstradas pela igreja. Não há demonstração melhor do que uma demonstração! É melhor do que palavras. Isso não significa que as palavras não são importantes. Por exemplo, essa pesquisa não mediu o que as pessoas falaram nesse período em que estavam cuidando dos doentes. Duvido muito que elas tenham ficado quietas e não falado nada; é claro que falaram alguma coisa. Contudo, essa demonstração de amor pesou muito forte. Deixe-me qualificar um pouco a pesquisa. A questão da fala, pelo pesquisador, não entra com tanto peso porque ele estava quantificando o que de fato tinha acontecido. Quando eu falo sobre esse papel da pregação como secundário, não é secundário em termos de importância, e sim de cronologia. Vem depois, mas não é menos importante; apenas não é tão eficaz para a adesão. A única coisa que posso dizer é que isso tem uma base científica muito sólida na sociologia da religião. Posso indicar o que escrevi no livro *Proclamando boas novas: bases sólidas para o evangelismo* (editora Palavra). Um dos capítulos dá os detalhes dessas pesquisas de sociólogos sobre os mecanismos sociais de conversão e desconversão. Se existe uma regra, a regra é que se só falamos, provavelmente não teremos feito muito.